

COMPRAR

OS NOSSOS

Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.ª LISBOA

Officina d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
 27 DE JANEIRO DE 1908

CONDICÕES D'ASSIGNATURA
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS

Lisboa e provincia.....	300 rs
Colonias.....	400 »
Brazil (moeda forte).....	900 »

Tiragem 6.000 exemplares.

OS NOSSOS

Eduardo Schwalbach Lucci

Pedimos aos Ex.^{mos} Srs. Agentes da provincia, que ainda não satisfizeram os seus debitos da 1.ª Serie a fineza de o fazerem com urgencia, afim de não lhe serem cortadas as novas remessas.



Pedimos aos Ex.^{mos} Srs. Agentes da provincia, que ainda não satisfizeram os seus debitos da 1.ª Serie a fineza de o fazerem com urgencia, afim de não lhe serem cortadas as novas remessas.

Tem Eduardo Schwalbach,
 Com sua penna trocista,
 Posto em jucundo destaque,
 Em comedias, em revista,
 Muito ridic'lo basbaque!

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO
COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

ARMAZEM DE MÚSICA E INSTRUMENTOS
DE
Joaquim José d'Almeida
Rua José Antonio Serrano, 34 — LISBOA
(Antiga C. do Collegio)
Vendas d'instrumentos, accessorios e musicas a prestações mensaes.

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clinica Geral — Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA * * * * *
MEDICO-CIRURGIÃO * * * * *
R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, successor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Retratos a Crayon a 2:000 réis
Carta a esta Redacção
RECEBEM-SE ENCOMENDAS DA PROVINCIA

Januario & Mourão
OURIVESARIA E JOALHARIA
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar água, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. **L. M. Lilly** Successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D.Lisboa.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

PIANOS
A. NASCIMENTO
Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos e encordoões para pianos e harpas, etc., etc.
TRABALHOS GARANTIDOS
Travessa da Bica, 5 (ao Intendente) LISBOA

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa
Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, reccuatorio.


Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo Instituto

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 réis
8 Logares
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes
GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)

BIKICLETAS INGLEZAS
VENDAS A-PRESTAÇÕES



CASA VELO-PORTUGAL
J. de COSTA BRAGA-21, RUA MARIA 23 LISBOA
BIKICLETAS DAS MAIS MODESTAS AS DE MAIOR LUZO POR PREÇOS RASOAVEIS

A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR
A bicycleta ingleza, de 1.ª ordem que, sob a denominação de
"VELO-PORTUGAL"
vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.
Não ha cyclista que o ignore.
Ninguem imita artigos sem reputação.
O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, teem centenaes d'imitadores.
Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficará verdadeiramente surprehendido.
Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a vêr mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa.
Não se constringe ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.
Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubémos guindar o nome do nosso estabelecimento.
Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:
Bicycletes das mais modestas ás de maior luxo por preços rasoaveis.
Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De re-to todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.
E.n qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pôde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferéncia do publico.
Ha pessoas que, não vendo réclamos espathafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.
Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA
Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
27 DE JANEIRO DE 1908

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura
(Pagamento adelantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs
Colonias..... 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »

Tiragem 6.000 exemplares.



E TORRADAS



a cerca de trinta annos, (ainda a minha farta cabelleira não tinha um só cabello branco) n'um esplendido dia de primavera, fui passeiar até Belem. Cheguei precisamente no momento em que atracavam ao caes uma meia duzia de botes, vindos do Lazareto, e cheios de homens, mulheres, creanças e papagaios.

Eram os restos d'uma leva de emigrantes que, uns tres annos antes, tinham partido para as terras de Santa Cruz com a doce esperanza de enriquecerem, mas que haviam, na maior parte, encontrado alli uma vida de miserias, a morte depois de mil e um soffrimentos, a convicção emfim de que foram mal avisados quando se decidiram a deixar a patria.

Voltavam magros, macillentos, andrajosamente vestidos, de olhos tristes e encovados, sustendo-se alguns com difficuldade nas emagrecidas pernas, trazendo como riqueza unica uma duzia de papagaios, que esperavam vender para, com o dinheiro d'essa venda, se transportarem para a terra.

Sempre tive um fraco por papa-

gaios. Quando era pequeno, meu pae tinha um que fallava as estopinhas e dizia cousas muito mais acertadas do que algumas pessoas minhas conhecidas. Tinha morrido quando eu era já crescidote e deixára-me fundas saudades o engraçado trepador.

Quando vi aquella alluviação de papagaios senti desejos de possuir um e, máo é meter-se-me uma cousa na cabeça. Assisti ao desembarque de toda aquella pobre gente, approximei-me e comeccei a examinar de perto os papagaios. Pareciam-me todos um tanto murchos, excepto um que dançava muito satisfeito em cima do poleiro e deitando a cabeça para examinar melhor o contheudo do comedouro que estava vasio de todo, murmurava: *Dá di comer ao minino*, sem conseguir que lhe satisfizessem o appetite. Cheguei-me para o animalsinho, cocei-lhe a cabeça, ao que se prestou da melhor vontade, e perguntei quem era o dono d'aquelle papagaio.

Respondeu-me uma mulher que tinha ao peito uma creancinha com apparencia de tão esfomeada como o misero bicharoco.

— E' meu, senhor.

— Quer vende-lo ?

— Que remedio tenho eu. Mas olhe que não o vendo por minha vontade. Coitadinho do meu minino!

E enxugou uma lagrima.

— Quanto quer por elle ?

— Olhe, meu senhor, dê-me o preciso para a passagem até Buarcos, que é a minha terra. Em lá estando, a minha mãe cuidará de mim e do meu pobre filhinho.

— Não tem mais ninguem ?

— Tinha o meu marido que morreu de febre amarella um mez depois de ter chegado á Bahia, deixando-me este filhinho, sem pae e sem

pão. Nunca eu tivesse ido para o Brazil.

— Mas quanto custa a passagem para Buarcos ?

— Anda por uns tres mil réis, meu senhor

— *Dá di comer ao minino!* repetiu o papagaio.

Confrangia-me aquella scena e tirando a bolsa peguei em duas libras e dei-as á mulher dizendo-lhe :

— Aqui tem ; é para a passagem e o resto guarde para o seu filho.

A mulhersinha olhou para mim muito espantada, mirou e remirou as duas libras e em seguida bateu-as na pedra do caes desconfiada da generosidade que, afinal, não era grande, pois não compraria por menos um papagaio rasoavel e aquelle parecia-me bom.

— São boas, são. Se desconfia venha comigo e trocam-se n'uma loja qualquer.

— Eu não desconfio, meu senhor, mas como me teem enganado tanta vez...

— Pois agora não lhe aconteceu isso. Seja feliz.

E chamando um garoto que por ali andava, dei-lhe a gaiola e fui para casa muito satisfeito com a compra que fizera.

A minha serva exultou e, ao pendurar a gaiola, que já então tinha o comedouro bem recheiado, recommendei-lhe que tivesse todas as attentões com o recém chegado.

Passaram-se mezes. O papagaio era com certeza descendente d'algum orador notavel, repetindo com facilidade tudo quanto ouvia e uma noite quando me dispunha a tomar chá, disparou-me esta solemmissima phrase:

— Maria, traze o chá e as torradas para o senhor

JOÃO PACIFICO.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

Durante o anno de 1908 o pessoal da Opera de Paris será o seguinte:

75 cantores.....	1200000 fr.
50 primeiras dansarinas	200000 »
100 bailarinas.....	150000 »
100 coristas.....	200000 »
110 musicos.....	250000 »
170 maquinistas.....	350000 »
100 comparsas.....	15000 »

Ao tódo: 705 pessoas ganhando a bonita sóma de dois milhões trezentos sessenta e cinco mil francos.

O orçamento da despeza total d'exploração eleva-se a cinco milhões de francos, cêrca de mil contos de reis.

A epoca abre com o *Fausto* de Gounod, posto em scena com esplendor excepcional, opera em que se estreia a celebre cantôra russa M.^{me} Kousnietzoff que desempenha o papel de Margarida.

Dos arquivos da Opera será desenterrada este anno a velha peça francêsa de Rameau *Hyppolite et Aricie*, sendo quasi certo que os parisienses terão a suprêma ventura d'ouvir tambem *O Crepusculo dos Deuses*, de Wagner.

Estimarêmos que se divirtam.

— Em toda a parte se pensa seriamente em garantir os meios de subsistencia aos operarios e outros trabalhadores caídos em inabilidade e invalidez. As quotas semanaes dos interessados e os auxilios pecuniarios dos governos ás instituições desta ordem não são suficientes para fazerem face ás enormes despezas que tão altruistas cometimentos acarretam. Ora, se algumas riquissimas deusas que possuem um *trop-plein* de joias de subido valôr, quizessem desfazer-se d'ellas em favor dos desgraçados para quem todas as auras foram de fome, de frio e de miseria, que bem acobertada ficaria a velhice dos infelizes e como seria socegada a hora da morte das sobreditas senhoras, lembrando-se que neste mundo tinham servido para alguma coisa.

Para esta benemerita obra que em Portugal começa agora, protegida pêlos podêres publicos, lembrar-nosia estender a mão da caridade, por ex.: á Condessa Brancaccio, italiana, que tem um diadêma e um collar, ornados de perolas e brilhantes, no valôr de mais de dusentos contos:

A M.^{me} Henry Say, que possui seis metros de perolas:

A princesa de la Tour-d'Auver-

gne que tem um fio de perolas d'incomparavel pureza e de inestimavel valor:

A' duquêsã d'Uzès que possui dois fios d'impecaveis perolas e d'espantosa grossura:

A M.^{me} Maurice Ephrussi, possuidôra dum collar de perolas prêtas, unico no mundo.

Ou ainda aos felises possuidôres dos dês diamantes de maior valor existentes sobre a terra, pedras cujos nomes e valores aproximados passâmos a expôr.

O Primeiro.....	30000000 fr.
O Regente.....	12000000 »
O Rajah.....	16000000 »
A Estrêla do Sul....	10000000 »
O Bragança.....	10000000 »
O Orloff.....	7000000 »
O Kohinhor.....	6782888 »
O Shah.....	3000000 »
O Florentino.....	2900000 »
O Sancy.....	2000000 »

E que bêla obra de altruismo, de caridade e de *dever* se faria no sentido acêma indicado, se cada um dos habitantes do nosso planêta contribuisse com des reis ou o equivalente em moeda dos respectivos paises.

Sendo a população da terra calculada em mil quinhentos setenta e três milhões cento e noventa e quatro mil almas, renderia a *quête* quinze mil setecentos trinta e um contos novecentos e quarenta mil réis.

Esta quantia é, como o leitôr vê, um bêlo cobertôr para noites frias de Desembro; pois bem, existe um homem que, se a dêsse, apênas fazia presente de mênos da terça parte do seu rendimento anual. Este homem é o Snr. Rockefeller, rei dos petrólios, cujas rendas sobem aproximadamente a cincoenta mil contos de réis.

Talvez este arquimilionario nunca haja comido boas e gôrdas sardinhas frescas d'Espinho, assadas, com um fiosinho de puro azeite de Castelo Branco.

São excellentes!

E ficamo-nos por aqui, para deixar o leitôr com agua na bôca.

Boa noite!

ARIOSTO PALMANDO.

ESPIRITISMO

Alem Tumulo

Comunicação atribuída
ao espirito de EMILIO ZOLA

Socegado e confiante, despida a alma de sonhos e d'esperanças e dando, por algumas horas, trêguas ao labôr quotidiano, o autôr dos Rougon-Macquart repousava placidamente.

Na vespera ainda, pensando na tarefa reservada ao dia seguinte, sorria confiante no resultado e antegostava a alegria sã do trabalho honesto e digno.

Trabalho! Para Zola, esta palavra era como que a incarnação da felicidade, do repouso e a rasão de sér do homem.

Quando, á noite, se decidia a abandonar o trabalho começado, fazia-o tão sómente na esperança de o recommear bem cêdo no dia seguinte, e, nêssa noite, sem que pressentimento algum o houvéra agitado, esperando o *amanhã* com segurança d'animo... Zola adormecêra profundamente.

Na vasta camara do escritôr, o clarão tremulante da lampada espanhava uma como palida claridade sobre o grande e vasto leito onde jazia o *homem*, julgando reparar as forças.

Engano! Nêsse lugar de repouso ia perdê-las para sempre!

Apenas a respiração lenta e regular do romancista perturbava o silencio da noite; os minutos rolavam uns apoz outros no abismo do tempo.

No minuscuro relógio, estilo Luis XV, soaram onze horas. Neste momento preciso, Zola agitou-se, revoltou no leito e, entreabrindo a custosa palpebras entumecidas, murmurou:

«Oh! minha cabeça!...» e, ao proferir estas palavras, recaiu no torpôr doentio daquêlle sôno de chumbo.

Na vasta camara, infiltrava-se pouco a pouco, traçoiramente, um cheiro acre, deletêrio, atrozmente sufocante, que invadia o quarto até aos mais insignificantes recantos. A respiração de Zola, até então lenta e regular, começou de tornar-se ofegante, sufocada; ouviã-se roncões e sibilos torturando-lhe o peito: era como o inicio do estertor. Sacudiam-lhe o corpo, sobresaltos convulsivos, rapidos, fugazes como os sonhos extraordinarios e pesadêlos atrozos que lhe perpassavam no cerbero como as imagens dum kaleidoscopio. De repente, pareceu-lhe que, dobrado sobre si proprio, rolava no espaço como se fôra uma esfêra gigantesca. Quiz parar! Impossivel! Fez um enorme esforço para gritar, chamar em seu auxilio, a voz porem expirou-lhe na garganta e uma idéa subita, terrivel, angustiosa, atravessou-lhe o cerebro como um relampago! A morte!... E se fôsse ella?.. Pois quê, será assim, horrivel, este ultimo episodio da vida?

E, subitamente, desenhou-se-lhe no pensamento esta interrogação, ultimo êco de crenças professadas durante a sua vida inteira.

Será ella? Essa que tudo reduz a nada? A grande niveladôra para a qual a compaixão e a piedade são palavras vãs? Sim, sinto-o, conheço-o, é ella, a grande portadôra da paz, da paz eterna, perpetua!

Oh, mas quão avantajado é o caudal de sofrimentos que nos fazes pagar em troca da libertação!

Não importa! Animo! Isto é um momento...

E, pensando d'esta maneira, Zola abandonou-se ao seu destino.

Porfiando na lucta desigual, a Mor-te alfim vitoriosa, terminára a obra d'exterminio... Zola dormia.

(Continúa)



O Crime

"Dellard"

GORON

(Continuação)

Lembrei-me a funda impressão que no meu espirito causou o depoimento claro e preciso de M... empregado em uma loja da rua das Filhas do Calvario e ao qual já me referi. Fui procural-o e combinei com elle o que vae lêr-se: no dia seguinte, de manhã, M... dirigir-se-hia ao cubiculo do porteiro onde encontraria Jaume, que ali devia passar a noite, afim de espiar Anastay quando saísse. — No caso de M... reconhecer o criminoso, Jaume entregaria então ao official uma carta, convidando-o a apresentar-se no meu gabinete, tendo-se d'antemão prevenido as coisas para que não pudesse eximir-se ao convite.

Aconteceu que, no dia seguinte, teve lugar o entêrro de M. me Dellard. O corpo da má-lograda sr.ª fóra conservado num frigorífico, esperando-se a cada momento a captura do assassino para se proceder á confrontação, mas, como este teimava em não apparecer e como o confronto do autôr dum crime com o cadáver da vítima é uma formalidade de que rarisssima vêzes aproveita á justiça, resolveu-se inhumar a baroneza.

Pedi a Mr. Dellard e a Mr. Gévelot que guardassem o mais absoluto silencio a respeito d'esta diligencia. Cumpriram a promessa. Pêla minha parte e para desviar qualquer suspeita, fui assistir tranquilamente á cerimonia funebre. Os jornalistas e informadores de periodicos assaltaram-me furiosamente.

— Nada sei, respondia a este.

— Nada de novo, gritava para aquêlle

E, ao proferir estas palavras, sabe Deus como me batia o coração.

— N'este mesmo momento, dizia comigo, está-se capturando com mil precauções um official do exercito francês que tudo leva a crêr seja culpado. Sel-o-ha? Ter-me-me-hei enganado?

Não cheguei a entrar no cemiterio; parti rapidamente e dirigi-me com impaciencia para o meu gabinete onde, d'ahi por meia hora, entrou Jaume.

O agente vinha com uma cara de palmo e meio; parecia desenterrado.

— O homem está ali, exclamou, mas o M... não tem a certeza que seja a mesma pessoa...

— E Anastay?

Mascaras illustres



Fernando Caldeira

— Não opoz a menor dificuldade em acompanhar-nos. O diabo do homem, gosta de dormir as manhãs na cama.

Só ás onze é que saiu. Apresentei-lhe a carta que abri demoradamente. Leu-a sem comoção alguma e voltando-se para mim, disse-me com o ar mais natural do mundo «Bom, bom, ... vamos lá a isso... e quanto mais depressa melhor.» Meti-me com elle n'uma carruagem e deixei-o ali, no gabinete do lado, onde se tem entretido a fumar cigarros sôbre cigarros.

Confesso que o relatório do agente me deixou um pouco apalermado. Era porém tarde para recuar. Mandei chamar o M...

— E então Mr. M... qual é a sua opinião a respeito do que se tem passado?

— Eu lhe digo, sr. Goron, o tôdo, o conjunto do homem, afigura-se-me sêr o mesmo mas a cara... a cara é que é diferente. O individuo que me pediu o endereço de M. me Caboret, não tinha barba cerrada e este tem o rosto completamente cheio de pêlos... curtos é verdade... mas...

— Vou vêr se o convenco a deixar-se barbear. Introduzam-n'o n'este gabinete. Anastay entrou. Quando o vi na minha frente, socegado e serêno como um justo á espera do juizo final, secou-se-me a garganta, a lingua pegou-se-me ao ceo da boca e, por mais esforços que fizesse, não podia falar. Por fim, fiz das tripas coração, enguli em sêco e disse-lhe: nem sei o que disse... Falei-lhe de certos usos... determinadas formalidades que me obrigavam, bem contra a minha vontade, a desejar vê-lo de cara rapada...

— Isso é a coisa mais simples do mundo, exclamou Anastay, esboçando um sorriso verdadeiramente infantil, mande chamar o barbeiro e d'aqui a um quarto hora estará satisfeito o seu desejo.

— Pois vamos a isso, tanto mais que ella está crescidita.

— Tem, exactamente, vinte dias, disse Anastay como por demais.

Estremezi: o assassino dera-se em 4 de dezembro e estavam a 24 do mesmo mês.

Barbeado o homem fui têr com M... e disse-lhe:

— Espreite pela greta d'esta porta e veja se conhece o sujeito que está na sua frente.

— E' elle... é elle... reconheço-o perfectamente, exclamou elle...

Mas de repente fez-se pallido.

— Que temos mais? insisti já um pouco nervoso.

— E' que... disse elle... em tom mais brando, ha uma coisa que me intriga fortemente. O homem a quem eu falei na rua das Filhas do Calvario, possuia um bigode quasi preto, castanho muito escuro, e o d'este é claro.

(Continúa)

SUPREMA DÔR!

Quando os fieis na igreja o veem, no altar cheio de luz, erguer o calix consagrado, e apoz o sacrificio, alegre abençoar o povo que na igreja assiste ajoelhado.

Ao vel-o tão serêno e franco e sorridente, quantos não julgarão que esse nôvel pastor vive vida feliz e alegre e até contente nunca sentiu no mundo o soffrimento e a dor.

Quando passa na aldeia, e ás pobres creancinhas afaga, acaricia, e igual quasi a Jesus as vae chegando a si, implumes avezinhas que o seu carinhoe amor aquece em dôce luz

Os paes da pequenada, as mãos erguem aos céus a Deus agradecendo em prece tanto amor e dizem com fervor: Bemdito seja Deus e abençoado seja o nosso bom reitor.

Quando n'uma choupana um pobre é moribundo e a despedir-lhe custa a vida atormentada, se quer ficar em bem com Deus e com o mundo em antes de partir pr'a ultima jornada.

E' sempre, sempre certo achal-o a consolar o pobre que se vae; e em lagrimas banhado, a Deus bondoso Pae, bom filho, eil-a implorar perdão pr'a um seu irmão, perdão de haver peccado.

E aquelles que o pezar juntou, na desventura de perder um esposo, um pae, um filho, um irmão, crentes são que no ceu guarida tem segura, que Deus ouviu do padre a fervente oração.

Mas quando na aridez da cella fria e austera negra como o remorso, e em que mal entra a luz, que mais parece ser guarida de uma fera que abrigo de um pastor, discip'lo de Jesus,

Quando de si arranca a samarra, e gemendo sósinho, rememora o tempo que passou, no extinto coração a cinza revolvendo, que um infeliz amor pr'a sempre amortalhou,

A frente que serêno, impavido apresenta, se a vissem, quando só, em lagrimas desfeito rugir como um leão, bramir como a tormenta que o már da desventura encapella em seu peito,

Se scoubéssem que mágua enorme, quanta dôr abriga o peito seu, e quasi o torna louco: saudades da Mulher que foi o seu amor, que móta, o faz vivêr morrendo a pouco e pouco,

Se então elles lhe vissem o rosto amargurado... talvez que compaixão d'essa amargura tendo dissessem com pezar: Que pobre desgraçado! melhor fóra morrer, do que viver soffrendo!

Mas veem-no serêno e franco e sorridente, e julgam, crentes stão, que esse novel pastor vive vida feliz e alegre e até contente, nunca sentiu no mundo o soffrimento e a dôr!

31-12-1907.

H. A. BACELLAR.

Pensamento

Aquelle que promove a desgraça do pobre, fal-o quasi sempre sob o pretexto de o querer auxiliar.

VAUVENARGUES.

Peça de Talião

Manuel Maria Barbosa du Bocage

(Elmano Sadino)

III

Claro auditorio meu vingae-me a gloria!
Vós que em versos altisonos mil vezes
Me viste ir voando ás fontes do estro,
Dizei se me surgiram Grecia e Roma
O melindres explosões do entusiasmo?
Se a razão, se a moral, se as leis, se a patria
Do metro destemido objectos foram,
Ou de Marílias de hoje o riso enosso,
Dos olhos o commercio, e não das almas
O melindre sagaz, licção materna,
E a mercantil firmeza a cem votada?
Dizei... Mas contra ti sobeja Elmano;
Teus uivos, teus latidos, não me atterram;
Sou de novo trífauce Alcides novo;
Inda não farto de arrancar-o ás bombas
As tres gargantas levarei d'um golpe;
E se canina espuma ou sangue infecto
Monstros gerar que multiplique a morte,
Das furias o tião lhes tórre as fronteas.

Braveja, detractor, braveja insano!
Arde, blasphema em vão, de algoz te sirva,
Tenaz verdade que te corroe por dentro;
Na voz deprimes o que admiras n'alma;
Se provas queres eu te exhibo as provas
Do que teu coração desdiz dos labios.
Traz a mente o logar, e vez primeira
Em que, dado á tristeza e curvo aos ferros,
Olhaste, viste Elmano, grande o creste,
Quando inda os vãos tímidos soltava
Na immensidade azul, que aos astros guia;
Quando (não como por systema finges
Mas só da natureza endereçado)
Seguia o rasto de amorosos cysnes,
Pousando muito aquem do grau que occu-
pa,

Inda crescente de ignea força.
Que á patria deu *Leandro, Igne, Medea,*
O *Antro dos Zelos, de Arene e Argira,*
A historia que o sabor colheu d'Ovidio,
Na dicção narrativa esperta édonea,
E o mais grato ás Muzas, grato a Lysia.

Da estancia onde nem habita o crime,
Epistola sem sal por ti guisada
Em taes louvores incluiu meu nome;
Versos escuta que negar não podes;
O que n'elles se envolve, escuta em premio
Da empresa que tomei de os pôr na mente;
«Do centro d'esta gruta, triste e muda,
«Fecundo Elmano pelas Musas dado,
«O prisioneiro Elmro te saúda,
«De teus aureos talentos encantado;
«De ti só falla, só por ti suspira,
«Em teu divino canto arrebatado...
Quem fertil nomeaste e quem, divino,
Hoje é servil, monotono, infucendo,
Do texto opimo interprete engoiado?
Co'a idade e estudo o genio em todos cres-
ce,

E em mim desfalleceu co'a idade e estudo?

Responde ao teu juiz, ao são criterio,
Reo de lesa razão! Trazer á patria
Nova fertilidade em plantas novas,
Manter-lhe as flores, conservar-lhe os fru-
ctos

Quaes eram no sabor, na tez, na forma,
Sendo o tronco a raiz, a copá os mesmos,
Sem que as estranhe ou desconheça o dono,
E' fadiga vulgar? Não tem mais preço
Do que esse, que os carretos galardoá
Do gallego boçal nos ferros hombros?
Verter com melodia, ardor, pureza,
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos aplanando o estorvo,
De um, d'outro idioma discernindo os geni-
os,

O caracter do texto expôr na glosa,
Proprio tornando é natural o alheio,
E' ser bugio, ou papagaio, Elmro??
Confronta originaes, e as copias d'elles;
Verás se a Musa que de rastos pintas,
No voo altivo o sulmonense attinge,
Castel transcende, e com Delille hombréa.

(Continúa).

CONSUELO

(Paginas d'um livro)

Ao Visconde de Meyrelles

Chamava-se, chamavam-lhe Consuelo.
Consuelo?!...

Se o era, realmente, não sei.
Mas o que se dizia, o que se afirmava
entre o fru fru das sedas nos vastos salões
doirados, nos recantos dos camarotes, por
entre o ruído das fondas e o bulício e a ani-
mação das tertulias e dos cafés, era que
nunca, pelas compridas ruas de Madrid, aleg-
res, buliçosas e concorridas, tinha passado
mulher mais linda!

D'onde veio? perguntava-se. Quem era? A
que familia pertencia? Quantas primaveras
lhe tinham segredado, em confidencia dis-
creta, que a belleza passa, como a juventude,
deixando após si uma viva e pungente sau-
dade, saudade que nasce, cresce, alastra,
como uma nodosa, como qualquer mancha,
e quanto mais andamos mais se enraiza e
estende, até que jamais acaba, ignorava-se!
Era de Malaga? de Alicante? de Cordo-
va?!

Tinha nascido em Sevilha, embalada pe-
los sons plangentes da Giralda; em Granada,
nas margens esmaltadas do Genil; ou n'esse
jardim da Hespanha que foi em tempos dis-
tantes o eden dos arabes, como é ainda ho-
je o dos pintores e dos poetas, e a que os
hespanhoes chamam Terra de Jesus, a dois
passos do Paraizo?!

Ninguém o sabia ao certo
Diziam-n'a oriunda do norte, que tinha fami-
lia na Corunha; o pae em Cuba e o irmão
fazendo serviço n'um regimento da provin-
cia.

Mas isso pouco importa e para o que se
pretende contar, menos importa ainda.

Triste capitulo d'uma pequenina historia
d'amores — amores voluveis, amores inuteis,
amores perdidos! —, que fugiram como essa
rapidez da agua junto dos açudes e tão bre-
ves, tão breves, como um ai que se arrancou
d'alma e ao chegar aos labios, nos labios se
extinguiu, morreu!

Foi ella propria quem a contou, e hoje é
a indiscrição d'um amigo seu que me permit-
te transcrevel-a aqui.

Nada altero, nem uma syllaba accrescento
e a differença consiste unicamente no idio-
ma em que primeiro foi narrada, para aquel-
le em que a deixo tristemente correr mun-
do.

O d'ella um castelhamo familiar, sentido e
triste, cantante e rithmado, como as delicio-
sas canções da guzla de Boabdil, acariciador
e suave, com modulações e requiebrs, entre-
cortado de suspiros, os ais pondo virgulas
de quando em quando, as recordações de-
ixando pontos finais de longe em longe, as
lagrimas formando periodos novos aqui e
alem.

Este, um portuguez delicado mas corrente,
sem pretensões nem atavios, e tão simples,
tão singelo, como o coração d'essa mulher
que muito amou e para sempre se perdeu!

Eis o que entre outras coisas a seu res-
peito, alguém um dia me contou:

Consuelo fallava, de vez em quando susti-
nha-se, apertava convulsamente as mãos de
neve e fitando então o horizonte ao largo
por entre os delicados vitraes da janella ge-
minada suspirava, como se aquelle triste po-
ente côr de sangue que alem via, fosse feito
de lagrimas e de saudades, das lagrimas que
chorava e das saudades que sentia, por essa
felicidade que para sempre lhe fugira, ou
representasse ainda para ella a imagem da
Ventura quasi a extinguir-se no triste aniqui-
lamente d'aquelle dia prestes a morrer, ou a
melancolica pallidez do longinquo hori-
zonte, por entre o qual as avesitas se con-
servavam poisadas nos fios telegraphicos,
como notas d'uma musica etherea, celestial,
divina, que se concebe, que facilmente se
imagina, em que se pensa e crê, embora não
se veja, não se sinta e oiça!

Fallava, e eu attento, muito attento a es-
cutar-a! Meus olhos seguindo, com piedade,
o seu profundo olhar; em meus ouvidos re-
percutindo-se as suas palavras, como nas es-
piraes das conchas o mysterioso cicio do mar;
meu coração adivinhando o que o pranto
d'ella supprimia; a minha alma vindo na
sua alma, como em largo e procelloso ocea-
no, a saudade e o sentimento a marulharem.

Fallava! De vez em quando sustinha-se e
quando por fim conseguiu reunir da sua
vida passada todas as recordações que, como
as ondas, iam e vinham, a cercavam e lhe
fugiam, levantou brandamente uma camelia
que do fino *manton* se despregára e ao mes-
mo tempo que lhe arrancava distrahida as
petalas uma a uma, serenamente ia dizendo
isto que só eu lhe ouvia:

«Uma noite n'um espectáculo a que fôra
assistir, notei que certo rapaz de figura in-
sinuante e excellente aspecto me fazia uma
côrte assidua, seguindo-me até casa no final
da representação. Depois, asua presença nas
immediações do sitio em que habitavamos
era constante desde pela manhã até á noite.
Escreveu-me. Contava-me a sua paixão,
narrava-me o seu soffrimento e dizia-me que
não podia viver sem mim. Acreditei. Respon-
di-lhe. Amei-o. Porém como meu pae se opo-
zesse a esses amores, porque desejava ca-
sar-me com um parente rico, ainda que mui-
to mais velho do que eu, fugi-lhe! E na fu-
ga, fui cabir nos braços do meu pretendido
amante, percorrendo com elle a França e
uma grande parte da Italia. Regressamos ao
fim de muitos mezes, porém, um dia, ao des-
pertar, vi-me abandonada. O meu seductor
tinha desaparecido, deixando-me traçadas
sobre um misero papel estas palavras: *Gan-
hei a aposta. Adeus.*

Só depois soube que tinha sido vilmen-
te ludibriada e que a minha inclinação por
esse homem fizera-lhe ganhar algumas cen-
tenas de duros, porque não fôra o amor,
mas simplesmente o capricho, ou a ambição,
o que o tinha levado a declarar-me uma
paixão que jamais sentira!

Tentei regressar a casa de meu pae.
Escrevi-lhe. Contei-lhe a minha desdita.
Pedi-lhe, suppliquei lhe que me recedesse.
Tudo em vão! Que fazer?! pensei. Era
fraca, estava desamparada e só, e das mi-
nhas joias, vendidas pouco a pouco, resta-
va-me apenas uma grata e saudosissima
lembrança!

Depois, — ai! — depois, como uma pella
que se atira ao acaso e vai cahir em sitio
incerto, assim eu passei de abraço, em
abraço, de beijo em beijo, de mão em mão,
até que, da mulher doce e bôa, carinhosa e
meiga que eu era, vi-me transformada n'esta
mulher garrida e coquette que hoje sou.
Tive muitos amantes, mas por cada um que
conheci fui descendo, descendo, todos os
degraus d'esta escada que leva á morte,
passando antes pelo catre do hospital! E
agora, parece até que a razão me fuge e a
vista se me esvae, ao pensar que não me é
dado retroceder, nem recuar d'um salto,
com os olhos vendados, todo o caminho
percorrido, ou fitar sequer o honesto logar
d'onde parti!... Chamam-me Consuelo!
Consuelo!... Suprema ironia! Como se o
podesse ser quem, como eu, vive no eterno
desconsolo da ignominia em que cahiu!»

Assim dizendo, a pobre mulher mironu-
se ao espelho, compoz o penteado e apon-
tando-me com tristeza uma janella escanca-
rada, accrescentou:

«Agora é ali que eu passo a minha vida
e é tambem d'ali que eu compro angustias,
desperdiçando sorrisos, vendendo amo-
res!...»

FERNANDO DA COSTA FREITAS.

Pensamento

A riqueza do avarento transmittida ao
prodigo, é como o fogo d'artificio que leva
muito tempo a fazer, e pouco a consumir.

GODINHO MADUREIRA.

CLARISSE

(Continuação)

II

Não pensando em abrir as minhas malas para ir visitar algumas pessoas que conhecia em Quimpar, fiquei bastante embaraçado com a maneira de passar o dia, que tencionava dedicar ao major. Decidi-me pois, a consagra-lo á contemplação da natureza de que ia ficar exilado, durante muitos mezes, em Paris.

Muni-me com um album de esboços para o que desse e viesse e dirigi-me para o campo.

Caminhava sem destino, por montes e vales, esquecendo que era pintor, e demasiadamente captivado pelo agreste encanto de tudo quanto me cercava para me lembrar de o reproduzir. Sentia o desejo de apertar nos meus braços aquella ridente natureza que me sorria como uma mulher amada. Nos labios fluctuavam-me palavras de amor e dirigi-as, na falta de objecto mais proprio, ao musgo das veredas, ás flores, ás arvores, ás aves, ás nuvens.

A este enebriamento, juntava-se no entanto a especie de tristeza que se apoderou, dizem, do primeiro homem quando se viu só no meio das maravilhas do Eden.

Fui despertado d'este extase, que afinal se tornara doloroso pelo ruido que partia do outro lado d'um silvado que eu seguia, depois de bastantes horas de passeio desordenado. O olhar deu-me a conhecer que este silvado cercava um parque, no meio do qual apparecia um velho castello de aspecto feudal. Depois, segundo olhar, atravez d'uma fenda da rustica divisoria, permitiu-me entrever uma menina caminhando lentamente por uma alameda de carvalhos.

Em qualquer outra circumstancia, esta forma graciosa, deslizando sob a verde folhagem, teria excitado logo a minha curiosidade. Mas este encontro vinha muito a proposito no meio das preocupações do meu coração.

Assim, vendo a desconhecida afastar-se na direcção do castello, que sem duvida habitava, senti um receio inaudito de a perder para sempre e

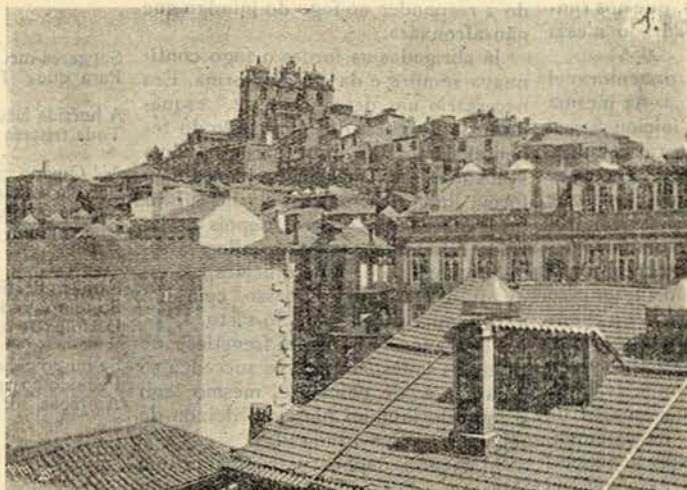
ia, creio eu, transpôr o silvado quando, de repente, se voltou, encaminhando-se para o sitio onde me occultava.

Tinha os olhos fitos n'uma carta que trazia na mão, e, a distancia a que estava não me haveria permitido ver-lhe o rosto, ainda mesmo que um grande chapéu de palha não o occultasse inteiramente.

Mas quando chegou muito perto de mim sem me ver e levantar os olhos da carta, cujo amarrotado testemunhava que havia sido aberta muitas vezes, tive difficuldade em conter uma exclamação, vendo excedidas as minhas supposições, já tão favoráveis á mocidade e á belleza da minha desconhecida.

TRADUÇÃO. (Continúa.)

Portugal pittoresco



PORTO—O VELHO BAIRO DA SÉ
Photographia do Ex.^{mo} Sr. Humberto Beça

Rio abaixo

Treme o rio, a rolar, de vaga em vaga...
Quasi noite. Ao sabor do curso lento
Da agua, que as margens em redor alaga,
Seguimos. Curva os bambuaes o vento.

Vivo, ha pouco, de purpura, sangrento,
Desmaia agora o occaso. A noite apaga
A derradeira luz do firmamento...
Rola o rio, a tremer, de vaga em vaga.

Um silencio tristissimo por tudo
Se espalha. Mas a lua lentamente
Surge na fimbria do horizonte mudo:

E o seu reflexo pallido, embebido
Como um gladio de prata na corrente,
Rasga o seio do rio adormecido.

OLAVO BILAC
(Poeta brasileiro)

Do livro «Poesias» de Olavo Bilac

NO SUL D'AFRICA

NOTAS DA CAMPANHA DE 1907

PELO TENENTE

José Augusto de Mello Vieira

Convidado pelos meus amigos do *Azulejos* para na revista que dirijem escrever as minhas impressões sobre a campanha do Cuamato não hesitei um momento em acceder a tão honroso pedido, não porque não conhecesse de sobejo que me faltavam as mais essenciaes qualidades de escriptor, mas porque entendo que é do dever de todo o bom portuguez divulgar o mais possivel os valentes actos dos nossos marinheiros e soldados.

Por isso, e só por isso, o leitor vae ter a paciencia de me ter por companheiro uns dias. Primores de estylo, elegancia de phrase, ou romance burilado em torno de qualquer episodio não haverá, mas verdade e franqueza, aquella franqueza rude do soldado, procurarei que acompanhe esta insignificante descripção até ao fim.

I

Tocou a avançar. A columna forte de 1800 espingardas, como dizia a ordem, ia finalmente abandonar o morro e avançar

pelo Cuamato dentro á procura do inimigo. Eram 7 horas e meia da manhã de 26 de Agosto quando os 4 escalões começaram a mover-se lentamente na disposição de marcha previamente determinada e que era a seguinte: a columna dividia-se em tres columnas, a primeira columna, em columna dupla, e constituida pela companhia da marinha, infantaria 12, Bateria Ehrardth e Canet, impedimento, e dois pelotões da 16.^a indigena marcharia por um caminho central de cerca de 10 metros e que os sapadores na frente iam abrindo; a segunda columna, no flanco direito, com a testa da 1.^a Companhia europeia na altura da cauda da bateria Ehrardth, a 10.^a de Moçambique a seguir, a 2.^a europeia, o 2.^o de dragões e um pelotão da 16.^a marcharia por um caminho de 4 metros, a 100 do central, e que os sapadores iam tambem gastando; a terceira columna, na esquerda, era constituida pela companhia de guerra,

a 14.º indigena, o 1.º de dragões e um pelotão da 16.ª e marcharia como a segunda columna. As quatro metralhadoras foram distribuídas duas á primeira columna e uma a cada uma das outras.

Nestas disposições, e sem um unico tiro, chegou a força ás 11 horas e 45 minutos á chana de Thacafundo tendo gasto a percorrer a distancia que a separa do Forte Roçadas, 5 kilometros, simplesmente 4 horas e um quarto. A demora foi devida á necessidade de abrir caminhos (2 kilometros já estavam abertos) e aos repetidos altos que era necessario fazer para concentrar o comboio, composto por uns 30 carros boers, tirados a 12 juntas de bois, e uns 12 carros alemtejanos, a mulas, e que teimavam atrazar-se enormemente.

Sem novidade se passou esse dia, sem novidade não é bem dito pois a columna teve á noite occasião de ter uma e que se não repetiu, funcionaram os projectores illuminando o campo exterior e possivel é que elles tivessem evitado que os Cuamatas, que nos rondavam, atacassem o quadrado n'essa noite.

Na madrugada de 27, o memoravel 27 d'Agosto, a columna na mesma disposição de marcha, iniciou a sua segunda étape no territorio inimigo. Pelas 8 e meia da manhã recebia-se finalmente aviso que n'uma chana que nos ficava perto, talvez a 1 kilometro, havia muito gentio. A columna impaciente por travar conhecimento continuava a sua marcha vindo fazer alto na orla do matto que separava a chana em que marchavamos da seguinte — Mufilo. O comboio concentrára-se com relativa facilidade, a columna avançou novamente. Eram 9 e um quarto da manhã quando a testa da columna, depois de ter atravessado a extensa facha de matto, entrava na chana. O comboio um pouco embaraçado com o matto ia pouco a pouco occupando o seu logar no interior da columna e esta ia avançando sempre chana fóra. Subito na retaguarda soou um tiro, depois outro, mais outro e em poucos momentos a fusilaria n'esse ponto era enorme. A columna estacou, formou rapidamente quadrado e começou a esperar os acontecimentos.

O inimigo, soube se depois, atacára o comboio e a sua escolta que no matto esperava a completa concentração. A 16.º indigena e o 1.º de dragões, apeado e em atiradores, sofreram o primeiro embate do gentio e a elles se deve que não houvesse a lamentar a perda d'alguns carros. Só uma carroça alemtejana, e essa mesmo o commandante da escolta mandou descarregar completamente debaixo de fogo, por lá ficou.

O ataque asaim começado rapidamente se estendeu sobre o flanco esquerdo e generalisou em breve a todo o quadrado, estava nos cercados d'uma linha de fogo violento, incommo e que não viamos d'onde vinha.

A' fusilaria mortifera do gentio res-

pondia o quadrado com descargas de polotão com uma seneridade extraordinaria e com uma precisão inegualavel; a artilharia distribuída pelas quatro faces desalojava o inimigo e das libatas perto, d'onde nos atacavam a coberto, as cargas d'infantaria succediam-se a miudo.

A 1.ª europea e 10.º de Moçambique carregaram na esquerda conseguindo afastar o inimigo. A marinha na frente carregou valentemente e por pelotões sendo tão rija a refrega que teve de os empregar a todos. Na esquerda a companhia de guerra e um pelotão da 14.ª, como proprio commandante Roçadas no flanco, carregou tambem.

Cerca do meio dia o grupo de esquadões sahio na direcção da face esquerda, a este tempo a mais acatada, e carregou valentemente sobre os negros, trouxe-nos os primeiros tropheus.

Recolhida a cavallaria recebeu o quadrado ordem para se entrincheirar em duas fileiras de saccos de terra, operação que as segundas fileiras executaram enquanto as primeiras iam continuando a responder ao fogo do inimigo que não afrouxára.

Já abrigadas as forças o fogo continuava sempre e da mesma forma. Era necessario um descanso. O 2.º esquadão de dragões, do commando do tenente Martins de Lima, sae e dando a volta ao quadrado entra na chana d'uma forma linda. A' frente os clarins tocando a marcha de guerra, depois os feridos estendidos sobre cavallos, a seguir o commandante e officiaes e o esquadão em linha, a passo, com um garbo, uma distincção. Só visto.

Os bravos irromperam freneticos de todos os lados, aos bravos succedeu-se uma salva de palmas e mesmo sob o fogo do inimigo ninguem deixou de felicitar os seus camaradas.

Momentos depois, os cuamatas que durante a ausencia da cavallaria não nos haviam incommodado muito voltaram a massar-nos e assim se conservaram até á noite. A noite passou-se sem novidade.

Das baixas do inimigo só mais tarde o soubemos, das nossas tinhamos conhecimento—officiaes feridos—3—, veterinario Pereira, alferes Velloso de Castro e capitão Souza Dias — praças mortas 13, feridas 36, cavallos e muires mortas — 30 e tal e feridas muitas.

(Continua)

Cumulos

Da ferocidade — Matar a fome.

Da pouca sorte — Nascer morto.

Aquecer-se a uma restea d'alhos.

Mandar callar a bocca d'um sacco.

Subir o Chiado n'um carro de linhas.

Soneto

Quando a vejo amorosa e languida assomar
Ao largo peitoril do varandim em flor,
Docemente enlevada em extasis d'amor
Espriando pelo céu, o céu do seu olhar.

Quando piedosamente a vejo a orar
No livro d'orações, e abrindo com fervor
A bocca perfumada a rescender frescor,
N'um purissimo beijo um Christo ir beijar.

Quando lhe vejo emfim o seu cabelo preto
A manchar lhe do collo a lactea branquidão,
Fartamente anelado e levemente inquieto,

Eu fico-me a pensar eterno insatisfeito
Se existirá alguém, que tenha coração,
Que ao ve-la, não lhe pulse o coração no
peito!

ARTHUR C. D'OLIVEIRA.

SONETO

Sugeres-me, Infinito, tanta luz!
Para que? Tão negro é sempre o insano
lago...

A horrida lacuna em que divago...
Toda tristeza que á dor só conduz.

Ai! Quanto custa a sopesar a cruz
Da vida solitaria em que me alago.
Não ha no mundo agreste um só affago
Que em mim derive o Bem que em si conduz.

Fatidico destino é este meu!
Se tento recolher purpurea flôr,
Desfolha-se e em seguida feneceu;

Se busco conquistar um puro amor,
Pedindo compaixão á Luz do Ceu,
A braços, só, me vejo com a Dôr.

(Inédito)

VICTORINO SILVA.

A minha Sina

Musa popular

Mandei ler a minha sina;
E a sina me respondeu
Que um triste fugir não pôde
A' sorte que Deus lhe deu.

Aniquilado, descreia
Da minha sorte moína!
Um dia, louco de dór,
Mandei ler a minha sina

P'ra vêr se a es'pança p'ra mim
Já se apagára ou morreu.
Que triste desilusão!
A sina me respondeu,

Na sua voz sibilina,
Que ainda á mente me acode
É me géla de pavor,
Que um triste fugir não pôde,

Bem que gaste a vida inteira,
— Qual outro errante judeu—
Correndo a terra e os mares,
A' sorte que Deus lhe deu.

HUMBERTO BÉÇA.



THEATROS E CIRCOS

Gymnasio — O *Sogro*, comedia em 3 actos, tradução de Santos Junior (*Santoninho*) e Raphael Ferreira.

Na festa artistica do actor Augusto Machado reapareceu esta peça, que ha bastantes annos-tinha sido representada.

E' uma comedia ligeira, em que o auctor pretendeu apenas fazer rir, sem grandes complicações no seu enredo cujo desfecho facilmente se adivinha ahi pela altura do começo do segundo acto.

O conjuncto é bom. As actrizes Jesuina Saraiva e Judith agradaram-nos nos seus respectivos papeis. Augusto Machado deu-nos um protagonista consciencioso e engraçado; Albuquerque apresentou um genro bem cuidado e muito natural, como no geral costumam ser todas as personagens de que este novel actor se encarrega. Monteiro, bem.

Alegrem, e propositadamente o deixamos para o final, está progredindo e a tornar-se um comico de valor futuro, mas, continua agarrado ao defeito que já em tempos lhe apontámos: reproduz-se immenso nos seus papeis, cuidando pouco na apresentação de uma galeria de typos variados.

Emende-se, senhor Alegrem, emende-se. E lá estivemos na *geral*.

A nossa apreciação do «Raffles»

Num dos primeiros numeros do *Azulejos* dissemos que acceptariamos a qualquer actor a defesa do seu trabalho, ou a accusação do publico á nossa maneira de ver e dariamos as mãos á palmatoria, quando a razão nos viesse demonstrar que escreveramos erradamente.

Estamos em presença do segundo caso e vamos responder apenas por delicadeza e em excepção unica a alguém que se occulta sob um pseudonymo, prometendo não mais o fazer, sempre que se trate de carta anonyma.

Não obstante folgamos em presença d'esta censura por vermos que ainda ha alguém que se interessa pelas coisas d'arte theatral e lê os nossos commentarios — talvez que com o fito unico de nos querer obrigar a capitular.

Escreve-nos *Ignorante* — modestia á parte — revoltado por termos achado valor á encenação do *Raffles* e elogiado a passagem da creada transportando o cofre do collar pela frente do policia, que está no 1.º plano. *Ignorante* viu n'isto uma *inverossimilhança* que nem n'uma *farça* se perdoava e achou *denunciar falta de engenho no ensaiador*, pois que não é costume os creados passarem em frente das visitas, **muito menos sem motivo**. Em seguida faz-nos um esboço da scena e termina por dizer: *O dono da casa está em B; (junto do cofre) a creada A (A — indica o fundo, no fim da escada) para entregar a caixinha com as joias da aquella volta. Sei que é para o policia a vêr, mas diga-me se ha maior tolice, alias tão facil d'evitar!*

Vi com pasmo que V. não notou erro tão palmar, etc.

Até aqui fallou V. Ex.ª, visto como na sua carta não existem mais argumentos; agora é occasião asada para dizermos de nossa justica. Começamos positivamente por lhe declararmos que foi V. Ex.ª quem commetteu o erro palmar, porque viu o *Raffles* e se dis-

Figuras do Palco



Actor Valle

trahiu, não percebendo que o esforço da curva descripta é que encerra toda a arte.

Ponhamos as coisas nos seus respectivos logares e para isso digamos que a nossa encenação é copia da franceza, a qual ignoramos se por sua vez será exportada d'Inglaterra, visto ser o *Raffles* uma peça inédita. O que garantimos ao *Snr. Ignorante* é que a supracitada passagem é uma rubrica do auctor, e muito bem feita a nosso ver.

A personagem do policia (*José Ricardo*) caiu muito naturalmente no 1.º plano, encostada á mesa, scismando na historia do crime de bordo e respondendo á conversa do dono da casa, que se encontra junto do cofre, á esquerda alta. Não poderia estar collocada á direita baixa, junto ao fogão, porque não é natural que alguém para fallar com outrem se afaste d'elle, como não devia collocar-se ao fundo por detraz do interlocutor preparando a futura passagem á creada (é talvez esta a opinião de *Ignorante*) por duas razões: 1.º em nossas casas ninguém se prepara para deixar passar os creados, que ainda não sabe quando entrarão; 2.º n'esse ponto poderia fazer figura de mal educado, approximando-se de um cofre de segredo agora aberto e cujo conteúdo nada lhe interessa. Portanto esta personagem está admiravelmente no 1.º plano.

A má interpretação de V. Ex.ª está nas duas phrases da sua carta, que sublinhamos intencionalmente: *muito menos sem motivo e sei que é para o policia a vêr*, perfeitamente o contrario do que deve ser. A creada esperta, sabida, pertencente a uma quadrilha de gatunos, conivente no roubo que vae realizar-se e sabendo em casa um policia, que, até ahi, ainda não viu, não vem passar para que elle o veja, mas sim para ella o ver, para conhecer aquelle que deve evitar quando entregar o collar ao gatuno, d'ahi por instantes, embora ella conheça o forçado da passagem.

Esta curiosidade *justissima e positivissima* é perfeitamente desenhada pela artista que logo do alto da escada e durante o seu trajecto lança a vista para o policia é que o olha de revez ainda na passagem junto d'elle.

E tão esperta é a creada e tão bem percebeu a pouca naturalidade da volta que pelo mesmo sitio faz a contrapassagem para não lhe incurrir desconfianças, visto ter percebido optimamente que elle extranhou a irregularidade do caminho, facto que, digamos em abono da verdade, *José Ricardo* traçou artisticamente no seu revirar d'olhos.

Esta é a nossa interpretação e supponmos que a do auctor e ensaiador: *O tal erro palmar* foi assim feito para ser artistico.

Uma tal passagem, para a rapariga ser vista pelo policia ou para o espectador ver o cofre, era d'ums *ingenuidade* scenica a toda a prova e incompatível com quem no decorrer da peça, tão artisticamente movimentou todos os grupos de figuras.

Eis a nossa modesta opinião, com a qual V.ª Ex.ª está no pleno direito de não concordar.

ROMANOL.

Questões orientaes

Os pessimistas riem-se das frases amistosas que os diplomatas Japoneses e Americanos atiram sem cessar á anciedade faminta dos reporters do velho mundo e olhando de soslaio para os radiogramas em que se afirma que, na questão nipo-americana, tudo caminha ás mil maravilhas, exclamam:

«Pois sim, sim, tudo vae bem: vejamos no entanto quaes são as forças navaes dos dois países, prontas a sulcar as ondas do Oceano Pacifico, ao primeiro grito de alarme.»

E contam: sôb o pavilhão do sol nascente: dez coiraçados de nove a desenove mil toneladas, dotados de tudo quanto ha de mais moderno na arte da destruição e mais uns tantos coiraçados de antigo modêlo, prontos no entanto a fazerem, como puderem e no limite de suas forças, a sua obrigação. Dês crusadôres coiraçados, de primeira classe, de sete a quatorse mil toneladas. Desoito crusadôres de segunda classe, quatorse guarda-costas, trinta e seis contra-torpedeiros, oitenta e quatro torpedeiros e dês submarinos. Esta frota é tripulada por cincoenta e cinco mil marinheiros, comandados por três mil e seiscentos officaes.

A contrapôr a esta armada, os Estados Unidos oporiam: vinte e dois coiraçados, dês crusadôres coiraçados, vinte crusadôres protegidos, seis monitores, dês seis contra-torpedeiros, tinta e cinco torpedeiros e nove submarinos, tudo tripulado por trinta e seis mil homens e dois mil e duzentos officaes.

Cêrca de dussentas machinas de guerra procurando-se, com insistencia, atravez a imensidade dos mares afim de se fazerem mutuamente pedacos.

Sêja tudo em honra do Progresso, da Civilização e da Humanidade!
Quem os não conhecêr...

Semana Alegre

No Juizo de paz.
— E' viuvo:
— Sim senhor!
— Quer casar segunda vez?
— Sim senhor!
O juiz de paz, mais amedrontado do que irritado:
— Prendam-no! Está doído!

VARIEDADES

Flores — Para as conservar viçosas metta-se lhes o pé n'uma jarra com agua ammoniacal a 5/1000. Assim durarão fresca mais de 15 dias.

Formigas — Destroem-se facilmente collocando nos logares onde apparecerem uma mistura de 100 gr. de mel com 3 gr. de tartaro emetico.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

O CONCURSO DA 2.ª SERIE
Premio -UM TINTEIRO DE PRATA

Condições do Concurso

- 1.ª—Decifrar, durante os 15 numeros da 2.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
- 2.ª—Enviar-nos, no intervalo de dois numeros a folha da secção *Qual é a coisa qual é ella*, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.

As decifrações podem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Decifrações do numero antecedente

Do n.º 16

Miuya—Algarve—Algodão—Mangaraç—Rupicola—Femerario—Desconto—Sobrenadar—Aurora—Quem adeante não olha atraç fica—Vate, amar, topa, eras.

Do n.º 17

Lamparina—Regoliç—Regrado—Opalino—Feliç—Camello—Algalia—Modo, moda—Ralar—Caravella—Cabo—Honra e proveito não cabem n'um sacco—Alcobaça.

Do n.º 18

Juramento—Talia—Galocha—Capacete Abelhana—Lemos—Bilha, ilha—Algida, Alda—Garça, garço—Morfeu—Visconde—Guarda que comer, não guardes que fazer—Faro.

Logogripho

Rapido

Instrumento 1, 2, 3, 4, 5
Apellido 6, 7, 8, 9, 10
Pedra

A. R.

Charadas

Sou gorda, magra, pequena, Grande, larga, delicada, Preta, branca, ou amarella, Sem defeito ou aleijada.—1

Faço as vezes do meu chefe Commandando em seu logar, Sou primeiro e sou segundo, Principalmente no mar.—3

Estou aqui muito perto Cara á cara, mui chegado, Perderia o meu valor Quando estivesse affastado.

J. P.

Novissimas

Por beber vinho em grande quantidade vi um bebedor com uma vertigem-2-2.

APOLLO

Este mamifero e este pronome é um pequêno embrulho-2-1.

ALPHA

Nota, nota, a vadiar-1-1.

J. P.

O adverbio n'esta terra é bebida 1-2.

A. R.

Este signal n'estas bases purificam o sangue-2-1.

J. R. C.

O numero está captivo pelo enxovalho-1-1

PINGOLINHAS

Electrica

A ira faz despachar-2.

E. RAMOS

Addicionada

Apellido-2
—te—
Planta-3

J. P.

Enygma

O meu todo, dos mais simples
Tem apenas letras tres,
E, por signal, repetidas
Todas ellas uma vez.

Cabeça e pés são eguaes.
Eguaes as duas do meio
E, entre estas e aquellas,
Fica a outra de permeio.

São dois terços consoantes,
O restante uma vogal;
Onde estou, querem saber?
'Stou no reino vegetal.

J. P.

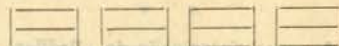
Typographico

N'este instante

Lo

PINGOLINHAS

De palitos



Tirando 6 palitos fica uma arma.

J. P.



Tirando 8 palitos fica uma ave.

J. P.

Por iniciaes

ACFCC
2 1 2 2 2

J. P.

Artigos a decifrar, 15.

PROPRIEDADE de "AZULEJOS"

LEGENDA

·VALSA·

Benjamin da Costa

Tempo de Valsa

PIANO

p *crescendo* *ff* *espress. e bem*

8va *marcato* *8va* *8va*

p animato *f* *p* *Fim*

p dolce *marcato e distinto o canto* *crescend.* *do*

cresc. molto *ff* *pp* *ppp* *diminuendo* *pppp*

D. Cal.

NO PROXIMO NUMERO :
OS TEUS OLHOS—Fado por ERNESTO MAGNO